

Reina María Rodríguez

REMORSOS
PARA UM
CORDEIRO
BRANCO



REMORSOS PARA UM CORDEIRO BRANCO

PREPARAÇÃO
França e Gorj

TRADUÇÃO, APRESENTAÇÃO E NOTAS
José Eduardo Degrazia

CAPA E PROJETO GRÁFICO
Murilo Guerra

PREPARAÇÃO
Dáblio Jotta

REVISÃO
Daniel Zanella

EDIÇÃO
2018

FOTO DA AUTORA
Elís Miralles Rodríguez

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

R696r RODRÍGUEZ, REINA MARÍA. 1952
Remorsos para um cordeiro branco
Reina María Rodríguez; Trad.: José Eduardo Degrazia.
Guaratinguetá: Penalux, 2018.

132 P. : 21 cm

ISBN 978-85-5833-348-1

1. Literatura cubana 2. Poesias cubanas
I. DEGRAZIA, J. Eduardo II. Título

CDD.: CB870

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO
1. Literatura Cubana



TODOS OS DIREITOS RESERVADOS
A reprodução de qualquer
parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa
do autor e da Editora Penalux.

EDITORA PENALUX
Rua Marechal Floriano, 39,
Guaratinguetá, SP, 12500-260

Entre a claridade e a sombra

*navega Cuba en su mapa:
un largo lagarto verde,
con ojos de piedra y agua.*

Nicolás Guillén¹

Vindo desde o bairro El Vedado fui caminhando pelo Malecón numa longa e aprazível jornada. Sempre vendo o mar azul e à distância o Cerro, o farol e as velhas casas manchadas pela maresia de La Habana Vieja. Os pelicanos davam rasantes sobre as águas atrás dos cardumes de peixes, os namorados, de mãos dadas, olhavam o entardecer desde o muro salpicado pelas ondas. Na minha mente passavam como num filme alguns poemas de Reina María Rodríguez. Ela, tão visitada por aquele mar e aquelas avenidas de Havana, tão iluminada por aquele sol de amanheceres lentos e portentosos pores de sol; Reina com seus gatos, seu piano, seus amigos e sua poesia.

Já havia encontrado com ela numa Feira do Livro alguns anos antes, mas fora uma conversa rápida. Este ano de 2017 seria diferente. Estava lançando a minha novela *El fabuloso viaje del miel de la avispa*, com tradução do poeta Virgilio López Lemus – e havia sido contatado

1. Nicolás Cristóbal Guillén Batista (1902-1989). Poeta cubano. Por sua obra ligada às tradições afrocubanas, é tido como o maior representante da chamada “poesia negra” e considerado uma das principais figuras culturais da Ilha.

pela Editora Penalux para traduzir uma antologia de sua poesia. Queria conversar com ela para acertar alguns detalhes, debater alguns poemas, tirar algumas dúvidas. E, ali, num alto prédio de cor amarela, com a dignidade do antigo esplendor do bairro, a poucas quadras do mar, estava a residência da poeta. Tive de chamá-la desde a calçada e esperar que alguém viesse abrir a alta porta de madeira. Subi a íngreme escadaria a dar no seu refúgio, no último andar, na açoteia.

E nos encontramos como velhos amigos, naquele refúgio, no alto do edifício tomado pela luz do entardecer. Falamos sobre a poesia cubana, sobre seus interesses, suas traduções, sua vida em Havana. E, claro, sobre sua poesia. Sua voz calma era onde o seu verso se espelhava, onde se matizava a introspecção com a vida lá fora. Dava para entender sua poesia como aquela mostra de subjetividade, de intensa vida interior, mas ao mesmo tempo enriquecida por todo o acontecer humano e social da Ilha, suas viagens, seus encontros e desencontros. Dava para entrever suas mensagens claras, outras vezes cifradas pelos acontecimentos do mundo. Uma poesia de claros e escuros como aquele sótão aberto para os ventos do mar.

Antes de ir embora, fomos visitar os seus tios, que moram alguns andares abaixo. Ela, uma senhora simpática, prestativa e gentil; ele, um homem risonho, contando suas aventuras de dublê em Hollywood. Fizemos algumas fotos, conversamos mais um pouco e me despedi de Reina e de seus familiares com a alegria de ter

assumido aquela prazerosa tarefa de traduzir a poesia de Reina María Rodríguez. Sabia, também, que voltaria mais vezes a Havana, pois desde que abraçara a árvore na frente do Tempête – a ceiba típica e sagrada dos rituais da *santería* – alguns anos antes, estava marcado que Havana seria uma das minhas cidades preferidas, e a ela retornaria muitas vezes.

Voltei pelo mesmo Malecón, margeando o mar; a noite já se anunciando em algumas estrelas e as luzes dos bares se acendendo à espera dos turistas. Voltei devagar, demoradamente, caminhando até o Hotel Riviera, onde estava hospedado. A responsabilidade de trabalhar sua densa poesia pesava um pouco sobre os meus passos, mas a alegria de traduzir e publicar uma antologia dela fazia com que eu me sentisse leve, e o meu olhar pousava no horizonte claro-escuro do entardecer sobre o mar como os meus olhos pousaram pela primeira vez sobre a poesia de sombra e claridade de Reina.

J. E. D.

Também fui menino e fui menina

eu também fui menino e fui menina
e tive corpo e tive vida
andei dispersando-me entre outros corpos.
só cheguei a ser quem sou
quando soube que algo morria por dentro
onde morava em pequeno espaço do peito
um cordeirinho branco
que me lambia
aos gritos.

Dívidas

queria escrever hoje o que me falta
não gastar as horas
nem jogar palavras no abismo:
descer às minhas profundezas
sozinha e nua.
que provas posso dar da minha mortalidade?
sou singelamente feia
com sardas, sonhos e dores.
tenho dois filhos
outro que nascerá no próximo setembro.
não sou um bom negócio
– logo vou engravidando –
sou o número 338 123 da carteira de identidade
sem foto – as crianças a rasgaram –
nem penas – porque não há antecedentes criminais –
maiores nem menores –
trabalho como redatora de programas
um salário de 163 pesos
uma literatura de carreira
muitos poemas soltos
e amigos de quatro categorias:
regulares, bons, péssimos e tristes.
uma casa estranha
um ventilador, um pente
a balalaica que o meu irmão me trouxe

o piano para concertos infantis
uma lupa para ver melhor a realidade
as fotos de Martí² e Hemingway³
reproduções
livros que ainda não me roubaram
mapas ampliando a parede
cartas de antigos amantes
um relógio, uma mariposa azul, um coração
e muitas dívidas
infinitas dívidas com a vida.

2 José Julián Martí Pérez (1853-1895). Poeta e político de Cuba, herói da independência. Autor do livro de poemas *Versos sencillos*.

3 Ernest Hemingway (1899-1961). Romancista norte-americano, autor dos livros *Por quem os sinos dobram*, *O velho e o mar*, entre outros. Prêmio Nobel de 1954.

Remorsos para um cordeiro branco

não posso me livrar desse olho
que olha desde o quadro
minhas imperfeições.
toda a minha culpa de viver
e querer
convidando-me.
estou me procurando
e tenho medo
quase medo fanático
de ter sido cúmplice
inacabada
porque também sorri quando queria matar.
minhas mentiras são sonhos
água que não nadei
e este vício de mariposas
um só dia voando sem cessar
logo pó escuro sobre as violetas.
perdoa-me olho do meu carneiro adolescente
nem nesses anos eu te enganei
e pode ser
diferente.



© Elis Miralles Rodríguez

REINA MARÍA RODRÍGUEZ nasceu em Havana em 1952. É formada em Licenciatura e Literatura Hispano-americana e em Museologia. Poeta e narradora, tem mais de vinte livros publicados. Foi traduzida em diversas línguas, como o inglês, o italiano, o francês, o alemão, o russo, o árabe, o vietnamita, entre outras. Deu cursos e palestras nos Estados Unidos e na Europa. Recebeu muitos prêmios importantes, entre eles o Casa de las Américas de 1984; o Prêmio Nacional de Cuba de 2013; o Pablo Neruda do Chile, em 2014. Vive em Havana, na cidade velha, próximo ao Malecón, bem perto do mar.